

DE BOAS MANEIRAS O INFERNO ESTÁ CHEIO: A LITERATURA, A CRISE DA CIDADE E A FALÊNCIA DO CIDADÃO DO MUNDO

Ernesto de Souza Pachito

Resumo: Walter Benjamin e a narrativa unificadora de sujeito e mundo. Mundo e cidade como multiplicidade e conflito. A infâmia de Caim, fundador de cidade. A cidade, o texto bíblico e o da Torá. Proust, J. L. Borges, García Márquez, John dos Passos: diversidade urbana, polidez e dissimulação do cidadão e do cosmopolita. Crise das cidades, do homem cosmopolita e do modelo político e de ocupação espacial centralizador urbano.

ABSTRACT: Walter Benjamin and narrative as something unifying man and world. World and cities as multiplicity and struggle. The infamy of Caim, founder of a city. The city and the texts of both christian Holy Bible and hebrew Torah. Proust, J.L. Borges, García Márquez, John dos Passos: urban variety, politeness and dissimulation of both urban man and world citizen. Cities, world citizen and their crisis. Crisis of the social and political model of urban spacial occupation.

Ernesto de Souza Pachito é Arquiteto Urbanista (UFES), Mestre em Estudos Literários (UFES) e Prof. Assistente da área de Teoria e História da Arte do Centro de Artes da UFES.

1. A LITERATURA, A CIDADE E O DIVERSO MUNDO

O ensaísta alemão Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, diz-nos que as narrativas são feitas por alguém que viaja (dimensão espacial) ou permanece num lugar (dimensão temporal), a ponto de atrair para si e acumular *Er-fahrung*, ou Experiência¹. Esta e a “Narrativa” são noções que em tal pensador têm um sentido muito bem cerzido, embora não se possa, a rigor, falar de definições, ou “conceitos” quando nos referimos à terminologia benjaminiana. Lutando contra a razão operacional esclarecida, organiza-

¹ BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaíos sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. 7ª. Ed. São Paulo: 1994, p. 197-221.

dora e administradora, inclusive, do extermínio científico nazista; talvez sentindo, com Adorno e Horkheimer, aquilo que há de mítico em toda *Aufklärung*²; certamente sofrendo com o seu tempo a deterioração desta mesma *Erfahrung*, levada a efeito pela indústria cultural informativa, Benjamin não se satisfaria com meras definições, asserções apofânticas – de-clarativas – para os grandes temas postos em sua obra. Quanto ao significado de “apofântico”, estratégico neste trabalho, vejamos o que diz o *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano:

APOFÂNTICO (gr. apofantikos; in. Apophantic; fr. Apophantique, al. Apophantisch; it. Apofantico). Declarativo ou revelativo. Aristóteles chamou de A. o enunciado que pode ser considerado verdadeiro ou falso [como uma informação jornalística] e considerou que este tipo de enunciado é o único objeto da lógica: da qual portanto são excluídas as orações [no sentido religioso do termo], as ordens, etc., cujo estudo pertence à retórica ou à poética (*De interpr.*, 4, 17 a 2). Esse significado permaneceu fixo no uso filosófico.³

Daí falarmos de “tema” ou “noção”: *Erfahrung*, Experiência, representa a grande mônada de todos os sucessos e/ou fracassos de uma dada comunidade mais ou menos circunscrita no espaço – ou associada por algum *ethos* –, compartilhados, no ato da Narrativa por seus anciãos (ou viajantes) e os mais novos (ou os fixados em seu território, que não experimentaram outro *ethos*). A *Erfahrung* é constituída como um amálgama indescritível, ou indizível, que seria pleno de um certo caráter histórico, não fosse a provável presença em sua concepção por Benjamin de um sentido de tempo que só poderia ser síntese entre o tempo mítico e o esclarecido, para tornar sincrônica, atemporal e adequada, (inclusive à Europa daquela década de 30 do século XX em que “O Narrador...” foi escrito) a visada de Benjamin. Dizemos “síntese” para podermos abarcar num todo, subsumir nele, as concepções temporais míticas e as cronológico-esclarecidas que, segundo Adorno e Horkheimer⁴ são dialeticamente complementares. Tal complexo, a *Erfahrung*, não tem um sentido de espacialidade a consolidar uma “forma”, visto que, provavelmente, reúne a ação e o sentido dela auferido, ou

² ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 11-52.

³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. da 1ª. Ed. brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

⁴ Cf. ADORNO E HORKHEIMER, op. cit., pp. 11-52. V. nota 2.

para tal ação pretendido, numa união sem descontinuidade. Aqui surge uma questão em torno da idéia de “mundo”.

No monismo de Benjamin, mundo, “meta-mundo” (se nos for permitido o neologismo) e uma sua não necessariamente síntese dialética (mas, pelo menos o “termo médio”, “terceiro não-excluído” entre os dois citados acima) configuram todos um *continuum* onde sequer se divisam unidades discretas, onde o próprio conceito de unidade é também um dos termos de, não propriamente, uma operação de síntese também dialética, mas, ao menos, de uma continuidade ontológica entre “unidade” (enquanto “elemento”), repetindo, e “totalidade”. Em termos peirceanos a *Erfahrung* de Benjamin é plena de Primeiridade e seu monismo poderia ser descrito pelo Sinequismo desenvolvido por Charles Peirce.

Sinequismo é a doutrina postulada por Peirce que afirma a continuidade monista entre os entes do mundo e até mesmo entre o Ser e o Nada. Nela, o Ser mergulharia gradualmente no Nada, numa forma de transição entre tais “estatutos” ontológicos, por assim dizer.⁵

“Mundo” pressupõe diversas localizações de diversas coisas, mas “distância” pressupõe medida, aquilo que para Hegel era a síntese entre *quantidade* de graus de afastamento (nossos passos podem ter sido sua origem) e *qualidade* de extensão, aquela distância percorrida que cada passo individualmente contribui para que se engendre, ou se sintetize, ao final da caminhada. Encontramos tal colocação de Hegel como epígrafe à obra *Pequena estética*, de Max Bense.⁶

O filósofo alemão Martin Heidegger, por sua vez, em suas investigações ontológico-existencialistas, de forma alguma pensou o Ser-no-mundo da pre-sença (*Dasein*, o ente cujo Ser coloca em questão o próprio Ser) como co-locação de um item num conjunto, como posicionamento de “uma caixa num armário”, sobreposição de, novamente, um elemento num “palco” (de dimensões espaço-temporais newtonianas, onde diversas coisas estão postas) chamado “mundo”⁷. Mundo que, num sentido ôntico, sem a consideração existencial deste mistério inefável (o Ser) teria, na nossa visão e dentro da linha de pensamento de *Ser e Tempo*, os atributos da diversidade, da fragmentação, da profusão de cisões, da dispersão e do

⁵ PEIRCE, Charles Sanders. Immortality in the Light of Synechism. In: _____. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings – Volume 2* (1893-1913). Princeton and Indiana: The Peirce Edition Project - Indiana University Press, 1998, p. 1-3.

⁶ BENSE, Max. *Pequena estética*. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. Col. Debates, p. 43.

⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1989. Parte I, pp. 90-102.

ruído. O mundo seria, enfim, dia-bólico fora da consideração ontológica, em sentido heideggeriano.

Walter Benjamin, no ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”⁸, coloca-nos a vivência (*Erlebnis*) urbana da cidade como um momento onde o sujeito, em especial o poeta Baudelaire, vive um consumir a mercadoria e um consumir-se como mercadoria naquilo que poderia ser pensado como um clarão, como um arder em chamas frente aos estímulos urbanos e que é também o perder-se no gozo reificado da prostituição. É um render-se ao “choque” urbano do desejo trazido à luz como nervo exposto, suscitado como onda avassaladora por uma passante num Boulevard parisiense, ou como na gravura de Honoré Daumier, num vagão de terceira classe (atualmente ônibus, metrô ou trem urbano). O cintilar da mercadoria sendo igualmente caleidoscópico, igualmente múltiplo (mas, num mundo sem simetria), é também dia-bólico, como o são o ruído dos esbarrões, em suma, dos conflitos dos transeuntes no palco das metrópoles industrial e pós-industrial.

Cidade torna-se, assim, conflito, dissenso (veja-se a Ágora grega no tempo dos sofistas). É dissonância, atrito das múltiplas peças da máquina mundo. Cacofonia e não sinfonia de um Todo, de um organismo ainda protegido dos avanços do Iluminismo, ainda no conforto de uma penumbra mítica. Como se vê, Benjamin e Heidegger eram profundamente saudosistas...

Baudelaire, na Paris do século XIX, sucumbiu à loucura...

2. A DESCENDÊNCIA DE CAIM

No Velho Testamento, o pastor nômade Abel assassina seu irmão Caim, o sedentário agricultor. Segundo uma tradução da Torá hebraica que lemos, Abel agradou ao Senhor pela sinceridade de seu sacrifício enquanto Caim teve, por sua vez, o próprio sacrifício preterido por Deus⁹. Tal acontecimento mítico leva-nos à geração de Set, de quem Noé e, posteriormente, Abraão, Isaac e Jacó são descendentes, localizados estes últimos dentro do plano divino de redenção da humanidade, após a queda original.

Caim, após seu banimento da primeira família, funda uma cidade e torna-se pai, inclusive, dos construtores de cidades, segundo o comentário

⁸ BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In _____. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª. Ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 103-149.

⁹ TORÁ: A LEI DE MOISÉS. Ed. bilingüe português-hebraico revista e ampliada da obra *A lei de Moisés e as Haftarót*. Trad. Rab. Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001, pp. 9-10.

da *Bíblia de Jerusalém*¹⁰ para texto contido em Gn 4. Tal evento revela-nos o fraticida e invejoso Caim como o arquetípico ancestral dos fundadores de Jericó (um dos primeiros assentamentos do Oriente Próximo), dos sumérios, acadianos, neo-sumerianos, babilônicos, assírios e neobabilônicos, povos que, na Mesopotâmia, a partir do 4º. milênio A.C. empreenderam a “revolução urbana”¹¹. É famoso o destino da Torre de Babel, muitas vezes identificada como um grande zigurate (plataforma escalonada de tijolos maciços com um templo no último andar) de Babilônia¹².

Novamente em termos heideggerianos, a punição que Iahweh impõe aos construtores da Torre de Babel (que, plenos de *Hybris*, ambição e soberba, no relato bíblico, pretendiam alcançar o céu), ou seja, o castigo da confusão das línguas, pode ser vista como incompatibilidade entre o empreender urbano e o heideggeriano conceito de “descanso no recolhimento” aonde a pre-sença (*Dasein*) desvela-se e revela Ser¹³ (“Iahweh” segundo a mesma tradução da Torá é “aquele que é” ou “aquele que será”, síntese não necessariamente dialética de Ser e vir-a-Ser¹⁴). Igualmente tal punição revela uma incompatibilidade entre o ruído urbano e “o desdobramento da linguagem” (“*le déploiement de la Parole*”) que fala de si a si (num tipo de a percepção), num Gesto, mais que numa de-claração¹⁵. A linguagem faz-se apresentação (verbo sem objeto) numa Narrativa (em sentido Benjaminiano) caracterizada pela multivocidade dos signos, a manter vigente a *Erfahrung*.

É que a cidade deflagra, em nós, a Vivência, que, para Benjamin, é uma forma de percepção consciente (não no sentido engajado do termo), inócua para a produção poética¹⁶ e extremamente ruidosa, perturbada, perdida na multiplicidade de estímulos urbanos a que, parece-nos, enfim sucumbe, também enquanto momento de vigília. Baudelire, no entanto,

¹⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. Nova edição revista e ampliada. Trad. do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Trad. das introduções e notas de La bible de Jerusalem. Ed. de 1998, publicada sob a direção da “École Biblique de Jerusalem”. São Paulo: Paulus, [s.d.], pp. 39-40.

¹¹ ROAF, Michael. *Mesopotâmia e o antigo médio oriente*: vol.I. Trad. VIDELEC S. L. Madrid: Edições del Prado, 1996. Col. Grandes impérios e civilizações, pp. 55-91.

¹² STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: Da pré-história ao pós-moderno*. Trad. Angela Lobo de Andrade. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 6.

¹³ HEIDEGGER, Martin. “La Parole”. In ____ *Acheminement vers la Parole*. Trad. Jean Beaufret, Wolfgang Brokmeier e François Fédier. Paris, Gallimard, [s.d.]A, pp. 11-37.

¹⁴ TORÁ, op.cit., p. 159.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. “D’un Entretien de la Parole – Entre un Japonais et un qui demande”. In: ____ *Acheminement vers la Parole*. Trad. Jean Beaufret, Wolfgang Brokmeier e François Fédier. Paris, Gallimard, [s.d.]B, pp. 85-140.

¹⁶ BENJAMIN, op. cit, p.111. V. nota 8.

inicia o projeto da construção de um novo sentido de *Erfahrung*, a partir desse material.

A cidade, enfim, é desterro, é deambulação, perambulação peri-patética. Em sua Vivência, estamos em estado de viagem sem estória a ser contada, sem visitação de anjo ou gênio, ou, de permanência sem testemunho. A cidade é terra desolada, como em “Waste land”, de Eliot¹⁷, ou um porto em tempo de guerra mundial, como no romance fragmentário *1919*, de John dos Passos.¹⁸

Aliás, no modernismo do século XX, a plasmar tal nova *Erfahrung*, inserida no realismo literário e fragmentada ou construtivista, hoje talvez já cooptada pelo vídeo-clipe, estão os miticamente enciclopédicos Ezra Pound e Haroldo de Campos, além do pioneiro Baudelaire. Dizemos “miticamente”, apenas como contraposição óbvia ao enciclopedismo racionalista do Iluminismo francês. Dentro da tradição da poesia bidimensional, suas obras têm um sentido de síntese entre o mítico e o historiográfico que acrescenta um tônus, contornos épicos, às nuances impressionistas do Mallarmé de *Un coup de dés*.

Em nosso pensamento, a frase atribuída a Marx segundo a qual “o ar da cidade liberta” parece plena de *glamour*, mas, revela raízes plantadas no Iluminismo setecentista, na idéia de liberdade da *polis* e da *Ágora* gregas. Para nós, ela é tão liberalista quanto tais instuições histórico-espaciais. Revela o levante marxista como continuação do projeto de 1776 (independência dos Estados Unidos) e 1789. Afinal, se buscamos *liberté, égalité et fraternité*, não podemos deixar de pensar a relação de desigualdade entre proletariado e burguesia: assim, vemos Marx como iluminista, o comunismo como corolário lógico, mais do que consequência factual e histórica, do mesmo liberalismo setecentista, mais do que um movimento oposto a tal liberalismo. Isso, ao nosso ver, na intenção libertária de Marx.

A cidade também é sinergia, é uma máquina multiplicadora das forças produtivas pela proximidade entre o dormitório da mão-de-obra, a fábrica e o porto, ou estação ferroviária. Sinergia para a qual convergiu o taylorismo das fábricas da Segunda Revolução Industrial, adotado também, ao que parece, na extinta União Soviética. Isso nos parece um dado a mais a consolidar esse iluminismo, esse esclarecimento que não é liberalista no caso soviético, e, a acentuar a promiscuidade tecnológica urbana como algo inexorável, pelo menos na modernidade.

Liberalista, por sua vez, Frank Lloyd Wright, o indomável espírito

¹⁷ ELIOT, T.S. “A terra desolada”. In _____. *Obra completa*: vol. I, poesia. Trad., introd. e notas Ivan Junqueira. 1ª. Ed. bilingüe. São Paulo: ARX, 2004, pp. 137-173.

¹⁸ DOS PASSOS, John. *1919*. Trad. Daniel Gonçalves. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

americano da pradaria, antiurbanista e anticidade, projetista da *broadacre city*, cidade territorial, onde o automóvel encurtaria distâncias preservadas como ambiente natural, como território, em sentido nacionalista, foi, na modernidade, senão o único, um dos únicos arquitetos e urbanistas, a proclamarem o infortúnio do sedentarismo, de se viver, ou criar os filhos, à sombra das “muralhas” da cidade.¹⁹

3. OS REFINADOS SUBTRAIR E SUBTRAIR-SE

Assim como a passagem dos ciganos pela aldeia de Macondo, numa Colômbia mítica e num tempo que não se pode precisar, no romance *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez²⁰, a *Historia universal de la infamia* de Jorge Luís Borges²¹ apresenta a mesma noção de “mundialidade”, de viagem, de mergulho num mundo estranho. Reúne contos que se passam ao redor do planeta, que se configura como um universo de enciclopédia infanto-juvenil, já percorrido por arqueólogos, botânicos, zoólogos, geólogos, já catalogado e reunido em volumes encadernados de acordo com um paradigma de ciência dos séculos XVIII e XIX, de que Borges faz o delicioso pastiche.

A cidade, que é reino de diversidade, como afirmamos, é transição entre indivíduo e mundo, é trampolim para a experiência cosmopolita e encarna o sentido da infâmia original e perpétua. É um não-lugar que não experimentamos (*Erfahrung*), ou, que vivenciamos de maneira também fraticida. A estereotipada estória da disputa entre dois cavaleiros de armadura pela travessia, a cavalo, de um estreito pontilhão acontece de fato no dia-a-dia dos xingamentos proferidos no trânsito caótico de nossas grandes cidades.

Poderia muito bem estar presente na “enciclopédia da infâmia” escrita por Borges, assim, a estória de um ladrão de casaca, refinado, frequentador de *soirées mondaines*, como o Barão de Charlus, sorrateiro a subtrair (ou acrescentar) prazeres aos rapazes na obra de Proust *Sodome et Gomorre*, inserida em *A la recherche du temps perdu*²².⁴⁸

¹⁹ CHOAY, Françoise. *O urbanismo: Utopias e realidades - uma antologia*. Trad. Dafne Nascimento Rodrigues. 5ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. Col. Estudos, vol. 67, pp. 237-238.

²⁰ MARQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Trad. Eliane Zagury. 34ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

²¹ BORGES, Jorge Luís. “História universal da Infâmia”. In: _____. *Obras completas*: vol. I. Trad. Alexandre Eulálio. 1ª. Ed. São Paulo: Globo, 1999, pp. 311-379.

²² PROUST, Marcel. *Sodoma e gomorra*. Trad. Mario Quintana. 5ª. Ed. Porto Alegre, Rio de Janeiro: 1981. Em busca do tempo perdido, vol. IV.

O cosmopolitismo pode configurar-se, então, não só como desfrute humanista, mas, infelizmente, também como corolário do refinamento urbano que, por sua vez, também é diplomacia que não nos garante paz, porque passa ao largo das contradições essenciais da sociedade urbana, do poder e da concentração das cidades. Diplomacia que é um subtrair, uma tolerância em nome de interesses financeiros, sexuais, materiais, em suma. Diplomacia político-partidária, social, eclesiástica, acadêmica, etc... Nietzsche provavelmente teria profundo desprezo por esse tipo de gesto cortês, esse ato de curvar-se em salamaleques que o homem urbano, e por extensão o cosmopolita, mantém em meio à corte dos financistas, banqueiros, capitães da indústria, cardeais de famílias cujas origens se perdem em brumas renascentistas, pastores cortesões, doutores de “míticas Tübingen e Iena” e *fellows* das associações de moços.

Eis o homem. Os ídolos no alto do zigurate já enxergam o próprio crepúsculo. Era 11 de setembro em Manhattan... As damas tradicionais talvez ainda venham e vão a discutir Michelangelo. Era 12 de maio de 2006, em São Paulo.